

MATERIAL ESTRUTURADO

SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO
BÁSICA E PROFISSIONAL

GERÊNCIA DE CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
GERÊNCIA DE ENSINO MÉDIO



3.ª Série | Ensino Médio

Língua Portuguesa

✓ 2ª Geração do Modernismo:
A prosa

✓ Produção de Texto na
Plataforma Letrus: leitura e
produção textual

DESCRIPTORES DO PAEBES

D017_P: Reconhecer o gênero de um texto.

D043_P: Reconhecer recursos estilísticos utilizados na construção de textos.

D030_P: Reconhecer os elementos que compõem uma narrativa e o conflito gerador.

HABILIDADES DO CURRÍCULO RELACIONADAS AOS DESCRIPTORES

EM13LP02: Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

EF09LP11/ES: Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais), focalizando as diferentes possibilidades de articulação de trechos de enunciados, considerando a legibilidade do texto, as intenções de significação e as possibilidades de compreensão do interlocutor, para, assim, recorrer à metalinguagem.

HABILIDADES OU CONHECIMENTOS PRÉVIOS

✓ 1.ª Geração do Modernismo;

✓ Introdução à estrutura Dissertativa-Argumentativa;

LÍNGUA PORTUGUESA



APRESENTAÇÃO DO TEMA

Caro professor,

Nosso estudo sobre a 2.ª Geração do Modernismo no Brasil visa revelar os aspectos significativos desse período literário, notável por suas mudanças e pela busca de uma identidade nacional. Concentraremos na prosa para entender como os escritores refletiram e questionaram a realidade brasileira da época por meio de suas obras.

Começaremos analisando o contexto histórico e cultural que influenciou os modernistas dessa geração, observando como isso se reflete nas temáticas e estilos de escrita. Destacaremos os principais autores da prosa modernista, suas obras, seu estilo literário e o impacto de suas ideias na literatura e no pensamento crítico do Brasil.

Nas próximas semanas, direcionaremos nossas reflexões para a poesia do mesmo período, ampliando nossa compreensão sobre o Modernismo brasileiro e suas variadas manifestações artísticas.

Surgida na década de 1930, a 2.ª Geração do Modernismo foi marcada por profundas transformações na sociedade do país, que refletiram diretamente na produção artística e literária brasileira.

Nesta etapa do Modernismo, observamos a busca por uma identidade nacional mais profunda, além de uma maior experimentação estética e temática por parte dos escritores. Autores como **Jorge Amado**, **Carlos Drummond de Andrade**, **Rachel de Queiroz** e **Graciliano Ramos** são alguns dos expoentes desse período, tendo, cada um a seu próprio modo, contribuído de maneira única para a construção desse novo panorama literário brasileiro.

Neste material, exploraremos as principais características e obras dessa geração, destacando sua relevância no contexto histórico-cultural do Brasil.



Jorge Amado



Rachel de Queiroz



Graciliano Ramos



Jorge Lins do Rego

2.ª GERAÇÃO DO MODERNISMO BRASILEIRO (1930-1945)

CONTEXTO HISTÓRICO

A 2.ª Geração do Modernismo brasileiro, também conhecida como **Geração de 30**, ocorreu em um período marcado por transformações históricas significativas. No cenário global, a **quebra da bolsa de Nova York**, em **1929**, desencadeou uma grave crise econômica mundial, afetando também o país.



No contexto nacional, **Getúlio Vargas** assume o poder em **1930**, e instaura o chamado *Estado Novo*, caracterizado por um regime **autoritário, centralizador e nacionalista**, que influenciou diretamente a produção cultural do país.

A Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, foi um marco precursor da 1.ª fase do Modernismo, mas foi na década de 1930 que as ideias do movimento ganharam força e se consolidaram. A Geração de 30 **rompeu com os modelos estéticos tradicionais**, produzindo uma literatura com linguagem mais próxima do cotidiano e das questões sociais e políticas do país. A influência do contexto histórico brasileiro da época se reflete na estética do movimento, que se vol-

tou para temas como o **nacionalismo**, o **regionalismo** e a **crítica social contundente**. Autores como **Jorge Amado**, **Rachel de Queiroz**, **Graciliano Ramos** e **José Lins do Rego** retrataram a realidade brasileira de forma mais direta e crítica, abordando questões como a **miséria**, a **seca**, as **desigualdades sociais** e as **injustiças políticas**. Além disso, a **preocupação com a identidade nacional** e a **valorização das raízes culturais do Brasil** foram características marcantes desse período. A literatura da Geração de 30 buscou criar uma identidade própria e autêntica, distanciando-se das influências estrangeiras e valorizando a diversidade cultural brasileira.

GERAÇÃO DE 30

CARACTERÍSTICAS

A 2.^a Geração do Modernismo brasileiro, também conhecida como *Geração de 30*, foi um período marcante na literatura do país. Aqui estão algumas das principais características desta fase:

- **Regionalismo**

Um dos pontos marcantes dessa geração foi o forte enfoque nas questões regionais e nas características culturais específicas de cada região. Isso se refletiu na literatura através da valorização das paisagens, costumes, sotaques e modos de vida regionais.

- **Engajamento Social e Político**

Os escritores desse período se engajaram profundamente nas questões sociais e políticas do Brasil. Eles buscavam retratar as injustiças, desigualdades e problemas enfrentados pela sociedade, contribuindo para uma reflexão crítica sobre o país e seu futuro.

- **Experimentação Estética**

Assim como na 1.^a Geração do Modernismo, também nesta fase houve uma forte busca pela inovação estética. Os escritores exploravam novas técnicas narrativas, linguagens e formas de expressão, rompendo com as convenções tradicionais da literatura.

- **Foco no Indivíduo e na Psicologia Humana**

Muitos autores dessa geração exploraram as profundezas da psicologia humana, mergulhando nos sentimentos, pensamentos e conflitos internos das personagens. Isso resultou em obras que retratam de forma intensa e realista a complexidade da experiência humana.



- **Diversidade de Estilos e Temáticas**

Enquanto alguns autores preferiam uma abordagem mais realista e crítica, outros optavam por uma escrita mais lírica e subjetiva. As temáticas também variavam, abrangendo desde o cotidiano urbano até as questões do campo e do sertão brasileiros.

- **Regionalismo Crítico**

Alguns escritores, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego, adotaram uma abordagem crítica em relação às condições sociais e econômicas das regiões que retratavam. Suas obras, muitas vezes, denunciavam as desigualdades sociais, a exploração do trabalhador rural e outras questões pertinentes às suas respectivas regiões.

- **Retorno à Poesia Social**

Enquanto na 1.^a Geração do Modernismo a poesia se distanciou das questões sociais, na 2.^a Geração houve um retorno a essa temática. Poetas como Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Lima abordaram questões sociais, políticas e existenciais em suas obras, refletindo as preocupações da época. Estudaremos mais sobre esse assunto na próxima semana.

- **Universalismo**

Alguns escritores buscaram temas e abordagens que transcendiam as fronteiras regionais e nacionais, explorando questões universais da condição humana. Isso se reflete em obras como *Claro Enigma*, de Carlos Drummond de Andrade, que mescla elementos da vida cotidiana com reflexões filosóficas.

- **Valorização da Linguagem Popular**

Seguindo o exemplo da 1.^a Geração Modernista, muitos autores desta fase valorizaram a linguagem popular e coloquial em suas obras, aproximando-se da fala do povo brasileiro. Essa valorização contribuiu para uma maior autenticidade e proximidade com o leitor, além de refletir a diversidade linguística do país.



Images: Obras do artista plástico equatoriano Oswaldo Guayasamín (1919-1999).
Disponíveis em: <https://www.wikiart.org/pt/oswaldo-guayasamin>. Acesso em 25/03/2024.

PRINCIPAIS AUTORES

PROSA

• JORGE AMADO



Autor de destaque na 2.^a Geração do Modernismo, Jorge Amado é conhecido por suas obras que retratam a vida cultural e as lutas sociais do povo baiano. Nasceu em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, Bahia, e faleceu em 6 de agosto de 2001, em Salvador. Cresceu em uma família de classe média e, desde cedo, demonstrou interesse pela literatura. Formou-se em

Direito, mas nunca exerceu a profissão, dedicando-se inteiramente à carreira de escritor. Apesar de ter se destacado principalmente na década de 1930, não estava diretamente ligado à chamada *Geração de 30* do Modernismo brasileiro. No entanto, sua obra compartilha de alguns ideias e temas do movimento, como o nacionalismo, o regionalismo, a valorização da cultura popular e a crítica social.

Jorge Amado foi um dos responsáveis por levar a literatura brasileira para além das elites intelectuais, popularizando-a entre as massas e contribuindo para a construção de uma identidade nacional mais inclusiva e plural. Suas obras, como *Cacau* (1933), *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937) e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), continuam a ser lidas e estudadas até os dias de hoje, deixando um legado duradouro na literatura brasileira.

Estilo Literário - As narrativas de Jorge Amado são profundamente enraizadas na realidade social brasileira, especialmente a da Bahia. Elas retratam com detalhes a vida das classes trabalhadoras, explorando temas como a pobreza, a desigualdade social, a luta por justiça e a resistência popular. As obras são povoadas por uma rica galeria de personagens inesquecíveis, muitos dos quais se tornaram ícones da literatura brasileira. São heróis e anti-heróis, vilões e mocinhos, todos com características marcantes e histórias de vida singulares. Suas obras são conhecidas por seu caráter sensual e erótico, retratando o amor e a sexualidade de forma franca e desinibida. Amado nutria um profundo amor à cultura popular brasileira, e seus enredos são permeados por referências à música, à dança, à culinária, às festas e às tradições do povo baiano. Mestre na arte do humor e da ironia, expressas em seus livros por meio de diálogos espirituosos, situações cômicas e observações sarcásticas, utilizava o humor como forma de crítica aos problemas sociais e políticos do país, sem perder a leveza e o encanto de suas histórias.

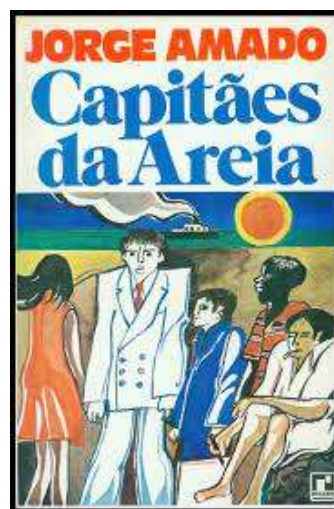
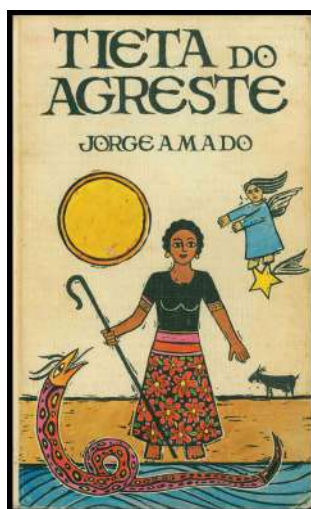
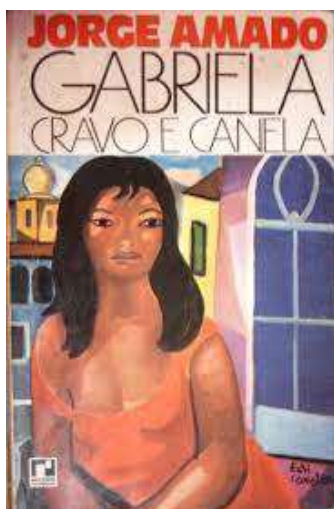
Capitães da Areia (1937) - Retrata a vida de um grupo de meninos órfãos que vivem nas ruas de Salvador, na Bahia, durante a década de 1930. Esses meninos, conhecidos como os “Capitães da Areia”, sobrevivem realizando pequenos furtos e outras atividades marginais. Amado descreve a vida desses meninos de forma realista, destacando suas lutas, amizades e rivalidades, enquanto enfrentam as dificuldades da pobreza e da injustiça social. O autor também aborda questões como a falta de oportunidades para as crianças pobres, a exploração infantil e a brutalidade policial.

O livro é considerado uma crítica social poderosa e uma reflexão sobre a condição humana. A escrita de Amado é marcada pelo estilo vívido e pela riqueza de personagens, que capturam a essência da cultura e da vida na Bahia.



E, de súbito, tem medo de que nesta casa sejam bons para ele. Sim, um grande medo de que sejam bons para ele. Não sabe mesmo por quê, mas tem medo. E levanta-se, sai do seu esconderijo e vai fumar bem por baixo da janela da senhora. Assim verão que ele é um menino perdido, que não merece um quarto, roupa nova, comida na sala de jantar. Assim o mandarão para a cozinha, ele poderá levar para diante sua obra de vingança, conservar o ódio no seu coração. Porque se esse ódio desaparecer, ele morrerá, não terá nenhum motivo para viver. E diante dos seus olhos passa a visão do homem de colete que vê os soldados a espancar o Sem-Pernas e ri numa gargalhada brutal. Isso há de impedir sempre o Sem-Pernas de ver o rosto bondoso de dona Ester, o gesto protetor das mãos do padre José Pedro, a solidariedade dos músculos grevistas do estivador João de Adão. Será sozinho e seu ódio alcança a todos, brancos e negros, homens e mulheres, ricos e pobres. Por isso teme que sejam bons para consigo.

(AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**) - Disponível em: <https://www.goodreads.com/quotes/7458302-e-de-s-bito-tem-medo-de-que-nesta-casa-sejam> - Acesso em 28 de março de 2024



• RACHEL DE QUEIROZ

Rachel de Queiroz nasceu em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, Ceará, e faleceu em 4 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro. Cresceu em uma família de fazendeiros e teve uma infância marcada pela convivência com o mundo rural e com desigualdades sociais do Nordeste brasileiro. Foi uma das precursoras da *Geração de 30*, e uma das primeiras escritoras a retratar de forma autêntica e profunda a realidade da Região Nordeste do país, contribuindo para romper com estereótipos e preconceitos. Também foi uma das primeiras mulheres a ingressar no cenário literário nacional, e uma das pioneiras na abordagem de questões relacionadas aos direitos da mulher.



Estilo Literário - Trouxe uma nova abordagem narrativa para a literatura brasileira, combinando elementos do romance regionalista com técnicas modernas de narração. Suas obras retratam com fidelidade e sensibilidade a vida no Nordeste brasileiro, explorando costumes, tradições e dilemas sociais da região. A linguagem é caracterizada pela simplicidade e pela clareza, com uma narrativa direta, sem excessos de estilo, o que facilita a compreensão e aproxima o leitor da história e das personagens. Apesar dessa objetividade na escrita, suas obras demonstram uma profunda sensibilidade, com personagens complexas e multifacetadas, que enfrentam os desafios da vida com coragem, dignidade e humanidade. Em suas obras, Rachel não apenas retrata a realidade social do Nordeste, mas faz, também, críticas contundentes às injustiças sociais e às desigualdades econômica e política do país: denuncia a exploração dos trabalhadores rurais, a concentração de terras e a falta de políticas públicas para mitigar os problemas da região. A autora aborda ainda temas como o papel da mulher na sociedade, a violência doméstica, o casamento arranjado e a busca pela independência e realização pessoal.

O Quinze (1930) - É um dos principais romances regionalistas do Modernismo brasileiro. Ambientado no sertão nordestino durante a seca de 1915, o livro retrata de forma vívida e comovente as dificuldades enfrentadas pelo povo nordestino diante da seca e da miséria. O romance é um exemplar marcante do regionalismo crítico e retrata de modo contundente e sensível as condições precárias de vida da população rural e as injustiças sociais da época, tendo sido uma poderosa denúncia das desigualdades sociais e evidenciando a necessidade de uma maior atenção do Estado para com as regiões mais afetadas pela seca. A humanização das personagens é outro aspecto marcante do romance, que retrata as dores, esperanças, medos e relações familiares daqueles que lutam para sobreviver em meio às adversidades. A linguagem simples e direta confere autenticidade e verossimilhança à narrativa, proporcionando ao leitor uma visão pormenorizada dos eventos e das emoções das personagens.



A criança era só osso e pele: o relevo do ventre inchado formava quase um aleijão naquela magreza, esticando o couro seco de defunto, empretecido e malcheiroso.

Quando o pai chegou trazendo consigo uma negra velha rezadeira, Josias, inconsciente, já com o cirro da morte, sibilava, mal podendo com a respiração estertorosa.

A velha olhou o doente, abanou o pixaim enfarinhado:

— Tem mais jeito não... Esse já é de Nosso Senhor...

Cordulina ergueu por momentos a cabeça, fitou a velha, e depois, mergulhando de novo a cara entre os joelhos, redobrou o choro.

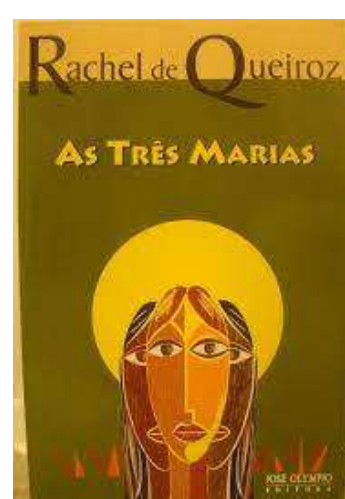
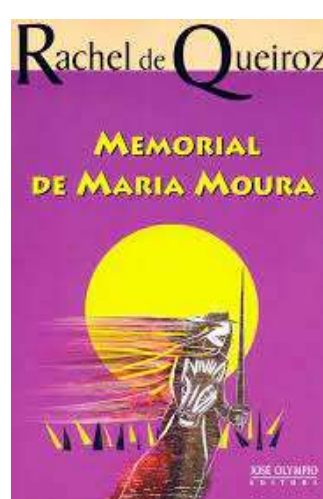
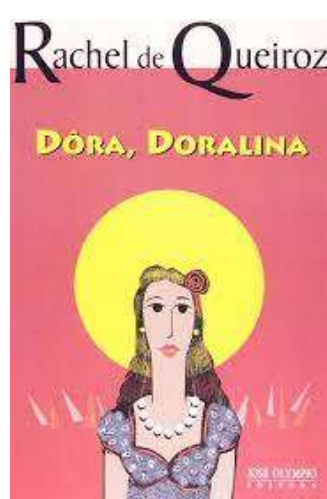
A negra, por via das dúvidas, começou a rodar em torno do menino, benzeu-o com um ramo murcho tirado do seio chocalhante de medalhas, resmungando rezas:

— *Donde vens, Pedros e Paulo? Venho de Roma. O que há de novo em Roma, Pedros e Paulo?...*

Chico Bento se encostara à vara da prensa, sem chapéu, a cabeça pendida, fitando dolorosamente a agonia do filho.

E a criança, com o cirro mais forte e mais rouco, ia-se acabando devagar, com a dureza e o tinido dum balão que vai espocar porque encheu demais.

(QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. p.11)



• GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos nasceu em 27 de outubro de 1892, Quebrangulo, Alagoas, e faleceu em 20 de março de 1953, no Rio de Janeiro.

Sua infância foi marcada pela pobreza e pelas dificuldades financeiras da família. Formou-se em Farmácia, mas nunca exerceu a profissão, tendo se dedicado integralmente à escrita e ao jornalismo.

Além de romancista, Graciliano também se destacou como cronista e ensaísta, deixando uma contribuição significativa para o jornalismo e para o debate cultural do país. Sua relação com o movimento modernista da 2.^a geração foi marcada por uma adesão crítica aos ideais do Modernismo, ao mesmo tempo em que desenvolvia uma escrita singular e original que o distinguia dentro desse contexto literário. Contemporânea dos principais

representantes da *Geração de 30*, sua obra compartilha algumas das características fundamentais do movimento, ao mesmo tempo em que apresenta particularidades que a distinguem. Assim como os demais, o autor buscou renovar a literatura brasileira, rompendo com as formas tradicionais de escrita e explorando temas e questões sociais relevantes para a realidade do país. No entanto, destacou-se também por sua escrita introspectiva e psicológica, que o diferenciava dos demais modernistas. Essa abordagem mais intimista e existencialista contribuiu para enriquecer o panorama literário do Modernismo brasileiro e consolidou Graciliano Ramos como uma das vozes mais originais e influentes da literatura nacional.



Estilo Literário - Além das características já mencionadas, o estilo literário de Graciliano Ramos se destaca por sua economia de palavras e por sua capacidade de transmitir uma grande carga emocional com poucos recursos. Sua escrita é concisa e sem desperdícios ou ornamentações, o que confere intensidade e força singulares às suas narrativas. O autor cria atmosferas densas e opressivas, que refletem o clima árido e desolador do sertão nordestino. Seus cenários são descritos com minúcia, transmitindo ao leitor uma sensação de imersão total no ambiente retratado. Sua prosa é marcada por uma profunda atenção aos detalhes e uma preocupação com a verossimilhança. Outro aspecto importante do estilo de Graciliano Ramos é sua capacidade de explorar a psicologia das personagens, mergulhando nas profundezas da mente humana e revelando as motivações ocultas por trás de suas ações. Suas personagens, a um só tempo comuns e extraordinárias, refletem as tensões e os conflitos de uma sociedade em transformação.

Vidas Secas (1938) - É uma das obras-primas da literatura brasileira e um dos principais exemplos do regionalismo modernista. O romance narra a história de uma família de retirantes, durante a seca de 1932. A família de Fabiano, composta por ele, sua esposa Sinhá Vitória, seus dois filhos (chamados de Menino Mais Velho e Menino Mais Novo), a cadela baleia e o papagaio, enfrenta as adversidades da seca e da pobreza extrema, vivendo em condições precárias e lutando diariamente pela sobrevivência. O cenário é o sertão nordestino, uma região árida e castigada pela seca, onde a vida é marcada pela escassez de água, pela fome e pela miséria. O autor descreve de forma vívida e realista os aspectos físicos e sociais desse ambiente, criando uma atmosfera opressiva e desoladora que permeia toda a narrativa.

As personagens são apresentados de forma minuciosa e complexa, revelando suas fraquezas, suas aspirações e suas relações familiares. Fabiano é um homem rude e analfabeto, marcado pela luta pela sobrevivência e pela desconfiança em relação ao mundo que o cerca. Sinhá Vitória é uma mulher sofrida e trabalhadora, inconformada com a miséria, cujo sonho é ter uma cama como a de Seu Tomás da Bolandeira. Os filhos do casal, apesar de jovens, também sofrem com as adversidades da vida no sertão e buscam encontrar seu lugar no mundo.

O romance aborda uma série de temas universais e atemporais como a luta pela sobrevivência, a desigualdade social, a injustiça, a solidão e a esperança, além de fazer uma crítica contundente às condições de vida da população rural do Nordeste brasileiro, expondo as contradições e as injustiças de uma sociedade marcada pela desigualdade e pela opressão.

O estilo conciso e direto de Graciliano Ramos e a precisão na narração dos ambientes e das emoções das personagens conferem autenticidade e singularidade à narrativa, que parece imitar o ambiente árido do cenário, com uma prosa seca, direta e sem adornos.



Imagem: Fotomontagem sobre imagem de uma das diversas capas de *Vidas Secas*, de Glauco Umbelino via Wikimedia Commons

Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/vidas-secas-denuncia-o-descaso-social-e-a-exploracao-humana/> Acesso: 26 de março de 2024.

BALEIA

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de moscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.

Ao chegar as catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente.

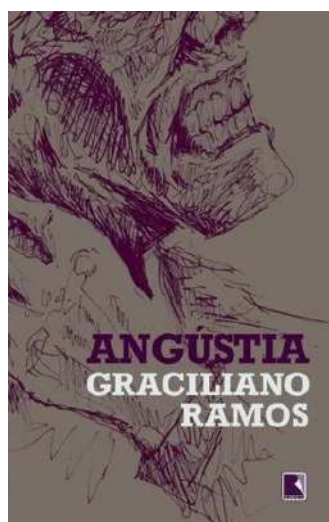
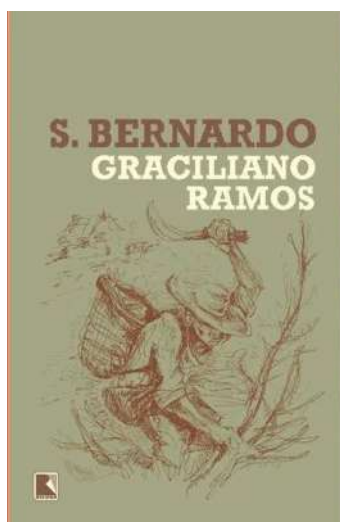
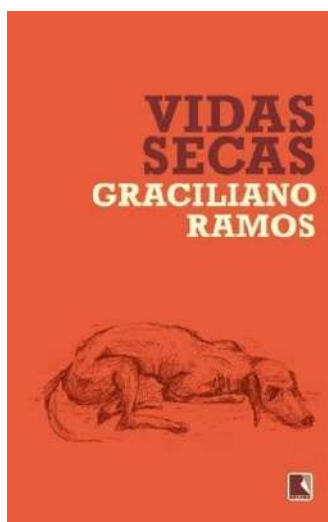
Ouvindo o tiro e os latidos, Sinha Vitória pegou-se a Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando alto. Fabiano recolheu-se.

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e as panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

(RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Editora Record, São Paulo: p.85-86)



• JOSÉ LINS DO REGO



José Lins do Rego nasceu em 03 de junho de 1901 em Pilar, na Paraíba, e faleceu em 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro. Sua vida foi marcada pela influência do meio rural nordestino, onde passou a infância e a adolescência, experiência que, mais tarde, seria fundamental pra sua identidade literária. Sua obra é caracterizada por uma forte ligação com o Nordeste brasileiro, tendo explorado temas como a vida no engenho, as relações familiares, a seca e a decadência do sistema patriarcal. Entre suas principais obras, destacam-se *Menino do Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934) e *Fogo Morto* (1943). Representou uma

figura importante na Geração de 30, contribuindo para renovação da literatura nacional e para a valorização da cultura nordestina. Sua obra compartilha alguns dos ideais desse movimento, como o regionalismo, a valorização da linguagem coloquial e a preocupação com a realidade do país, retratando de forma autêntica e sensível a vida no Nordeste brasileiro, e dando voz aos marginalizados.

Estilo Literário - O estilo literário de José Lins do Rego é profundamente influenciado pela sua experiência de vida no Nordeste brasileiro, especialmente em relação ao ambiente rural dos engenhos de açúcar. Em suas obras, o autor retrata com riqueza de detalhes a vida no Nordeste, explorando os costumes, as tradições e as paisagens da região, a partir de uma linguagem sensorial que transmite ao leitor as cores, cheiros e sons do ambiente. Ao escrever sobre a vida nos engenhos, ele resgata memórias pessoais e familiares, recriando ambientes, pessoas e eventos que moldaram sua identidade e sua visão de mundo. Seus romances, como *Menino de Engenho* e *Doidinho*, são fortemente inspirados em sua infância no Engenho de Santa Rosa, em Pila, Paraíba. Essa dimensão autobiográfica confere autenticidade e profundidade ainda maiores à sua obra, tornando-a não apenas uma representação fiel da cultura nordestina, mas também um testemunho pessoal e emocionante da vida no sertão brasileiro, enriquecida pelo aspecto ficcional. Apesar do foco nas paisagens e na vida rural, José Lins do Rego também se dedica à exploração da psicologia de suas personagens complexas, ao transmitir suas emoções de forma intensa e comovente. A linguagem de suas narrativas é coloquial e expressiva, permeada pelo lirismo e pela oralidade da literatura de cordel, rica em vocábulos regionais.

Fogo Morto (1943) - É considerada a obra-prima de José Lins do Rego. O enredo gira em torno da vida no Engenho Santa Fé, na Várzea do Paraíba, durante o período de pós-abolição da escravatura. O protagonista é José Amaro, um ex-capataz que retorna ao engenho após um longo período ausente, e encontra o lugar em ruínas, decadente, e dominado por intrigas e conflitos familiares. A narrativa acompanha a trajetória de José Amaro, que tenta lidar com as adversidades do engenho e com as relações complexas entre os membros da família Carneiro Leão, sua proprietária.

O protagonista se vê envolvido em disputas de poder, rivalidades amorosas e conflitos de lealdade, ao mesmo tempo em que tenta encontrar seu lugar nesse ambiente hostil e desafiador.

O título “Fogo Morto” faz referência à metáfora do fogo que não arde mais, simbolizando a decadência do engenho e o declínio da família que o habita. Ao longo da narrativa, o autor explora temas como a herança cultural, a transformação social, a luta de classes e a passagem do tempo, criando um retrato vívido e complexo da vida no Nordeste brasileiro.

Pedro Boleeiro¹ chegou na porta do mestre José Amaro com um recado do coronel Lula.

Era para o mestre aparecer no engenho para conserto nos arreios do carro. O mestre ouviu o recado, deixou que o negro falasse à vontade. E depois, como não tivesse gostado, foi se abrindo com o outro.

— Todo o mundo pensa que o mestre José Amaro é criado. Sou um oficial, seu Pedro, sou um oficial que me prezo. O coronel Lula passa por aqui, me tira o chapéu como um favor, nunca parou para saber como vou passando. Tem o seu orgulho. Eu tenho o meu. Moro em terra dele, não lhe pago foro, porque aqui morou meu pai, no tempo do seu sogro. Fui menino por aqui. Para que tanto orgulho? Não custava nada chegar ele aqui e me perguntar pela saúde. Me contava o meu pai que o barão de Goiana não tinha destas bondades. Era homem de trato com os pequenos. E o barão de Goiana tinha razão para goga², era dono de muitos engenhos, homem de muito dinheiro na caixa. Sou pobre, seu Pedro, mas sou um homem que não me abaixo a ninguém.

— Mestre Zé, não tenho culpa de nada não, o homem mandou chamar o mestre, estou somente dando o recado.

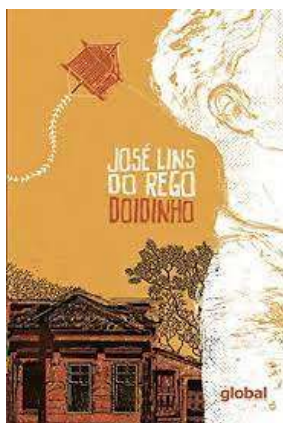
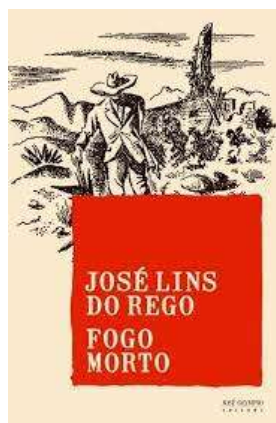
— Eu sei, não estou dizendo nada demais. Falo, como falo com todo o mundo. Eu não posso ver é pobre com chaleirismo³, como esse Vitorino, cabra muito do sem-vergonha, atrás dos grandes, como cachorro sem dono. O coronel Lula quer que eu vá consertar os arreios do carro dele. Pois eu vou.

(Fogo morto, 2015.) Disponível em: <https://www.aio.com.br/questions/content/leia-o-trecho-do-romance-fogo-morto-de-jose-lins-do-rego-1901-1957-para>. Acesso em 27/03

1 boleeiro: cocheiro.

2 goga: atitude de alguém que se manifesta com arrogância e tem alta opinião de si mesmo.

3 chaleirismo: hábito de adular para obter benefícios; bajulação.



1.ª ATIVIDADE PARA O ESTUDANTE

01. (ENEM - 2018)

“Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal – e houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó”.

RAMOS, G. Infância. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Num texto narrativo, a sequência dos fatos contribui para a progressão temática. No fragmento, esse processo é indicado pela

- a) alternância das pessoas do discurso que determinam o foco narrativo.
- b) recorrência de expressões adverbiais que organizam temporalmente a narrativa.
- c) justaposição de frases que relacionam semanticamente os acontecimentos narrados.
- d) indeterminação dos sujeitos de ações que caracterizam os eventos narrados.
- e) utilização de formas verbais que marcam tempos narrativos variados.

02. (ENEM)

“A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada... Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens, sem nenhum dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras!

Havia sempre rei e rainha, nos seus contos, e força e adivinhações. E muito da vida, com as suas maldades e as suas grandezas, a gente encontrava naqueles heróis e naqueles intrigantes, que eram sempre castigados com mortes horríveis! O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com a Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco.”

(José Lins do Rego. Menino de Engenho. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 49–51 (com adaptações).

Na construção da personagem “velha Totonha”, é possível identificar traços que revelam marcas do processo de colonização e de civilização do país. Considerando o texto acima, infere-se que a velha Totonha:

- a) tira o seu sustento da produção da literatura, apesar de suas condições de vida e de trabalho, que denotam que ela enfrenta situação econômica muito adversa.
- b) compõe, em suas histórias, narrativas épicas e realistas da história do país colonizado, livres da influência de temas e modelos não representativos da realidade nacional.
- c) retrata, na constituição do espaço dos contos, a civilização urbana européia em concomitância com a representação literária de engenhos, rios e florestas do Brasil.
- d) aproxima-se, ao incluir elementos fabulosos nos contos, do próprio romancista, o qual pretende retratar a realidade brasileira de forma tão grandiosa quanto a européia.
- e) imprime marcas da realidade local a suas narrativas, que têm como modelo e origem as fontes da literatura e da cultura européia universalizada.

03. (ENEM)

“No decênio de 1870, Franklin Távora defendeu a tese de que no Brasil havia duas literaturas independentes dentro da mesma língua: uma do Norte e outra do Sul, regiões segundo ele muito diferentes por formação histórica, composição étnica, costumes, modismos linguísticos etc. Por isso, deu aos romances regionais que publicou o título geral de Literatura do Norte. Em nossos dias, um escritor gaúcho, Viana Moog, procurou mostrar com bastante engenho que no Brasil há, em verdade, literaturas setoriais diversas, refletindo as características locais.”

(CANDIDO, A. A nova narrativa. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 2003.)

Com relação à valorização, no romance regionalista brasileiro, do homem e da paisagem de determinadas regiões nacionais, sabe-se que:

- a) o romance do Sul do Brasil se caracteriza pela temática essencialmente urbana, colocando em relevo formação do homem por meio da mescla de características locais e dos aspectos culturais trazidos de fora pela imigração europeia.
- b) José de Alencar, representante, sobretudo, do romance urbano, retrata a temática da urbanização das cidades brasileiras e das relações conflituosas entre as raças.
- c) o romance do Nordeste caracteriza-se pelo acentuado realismo no uso do vocabulário, pelo temário local, expressando a vida do homem em face da natureza agreste, e assume frequentemente o ponto de vista dos menos favorecidos.
- d) a literatura urbana brasileira, da qual um dos expoentes é Machado de Assis, põe em relevo a formação do homem brasileiro, o sincretismo religioso, as raízes africanas e indígenas que caracterizam o nosso povo.
- e) Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz, Simões Lopes Neto e Jorge Amado são romancistas das décadas de 30 e 40 do século XX, cuja obra retrata a problemática do homem urbano em confronto com a modernização do país promovida pelo Estado Novo.

04. (CESPE - 2017)

Texto:

O nosso Modernismo importa, essencialmente, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. Esse sentimento de triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular.

Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas. Essa ambiguidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização. O Modernismo rompe com esse estado de coisas. As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades, através das vanguardas. A filosofia cósmica e superficial, que alguns adotaram certo momento nas pegadas de Graça Aranha, atribui um significado construtivo, heroico, ao cadinho de raças e culturas localizado numa natureza áspera. O mulato e o negro são definitivamente incorporados como temas de estudo, inspiração, exemplo. O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. Isso, na literatura, na pintura, na música, nas ciências do homem.

Antonio Candido. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 126-7 (com adaptações)

De acordo com o texto, o Modernismo renova a estética literária brasileira porque:

- a) acentua a crítica às deficiências nacionais.
- b) valoriza esteticamente elementos anteriormente rebaixados.
- c) produz uma estética desvinculada da realidade brasileira.
- d) idealiza a natureza brasileira e os seus habitantes.
- e) rebaixa criticamente grupos sociais marginalizados.

05. (FUVEST)

(...) procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. (...)

Carta de Graciliano Ramos a sua esposa

(...) Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

(...)

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Graciliano Ramos, Vidas secas.

As declarações de Graciliano Ramos na Carta e o excerto do romance permitem afirmar que a personagem Baleia, em Vidas secas, representa

- a) O conformismo dos sertanejos.
- b) Os anseios comunitários de justiça social.
- c) Os desejos incompatíveis com os de Fabiano.
- d) A crença em uma vida sobrenatural
- e) O desdém por um mundo melhor.

06. (UNIVESP) Leia o trecho de Menino de engenho, de José Lins do Rego, para responder a questão.

Eu passava o dia inteiro rondando os oficiais nas suas confidências. Contavam a história de uns carpinas num engenho do Brejo.

– O senhor de engenho só mandava para eles bacalhau, na janta e no almoço. Passavam o dia inteiro bebendo água com a boca seca. Um dia um deles disse para o negro que não gostava de bacalhau, que não aguentava mais aquilo. No outro dia o tabuleiro com a comida chegou: era peru. E peru de tarde. E a semana toda, peru. Num domingo, o mestre saiu para dar umas voltas nos arredores. Viu um negro com uma porção de urubus nas costas:

– O que é isto, moleque?

– É peru pros carpinas.

Os oficiais anoiteceram e não amanheceram na propriedade. E rebentou ferida pelo corpo deles. Estiveram para morrer um tempão.

(Menino de engenho. Rio de Janeiro, José Olympio, 2000)

Publicado em 1932, Menino de engenho representa a prosa

- a) Regionalista comprometida em retratar a vida de moradores do Nordeste brasileiro.
- b) Romântica voltada para a exaltação idealizada do território brasileiro e sua gente.
- c) Psicológica especializada em investigar o funcionamento da mente humana.
- d) Surrealista empenhada em empregar a lógica dos sonhos na criação ficcional.
- e) Naturalista engajada com o estudo do comportamento humano a partir da ciência.

07.(ACAFE) Sobre a obra Capitães de Areia, de Jorge Amado, é correto afirmar:

- a) No capítulo “Negrinha”, Jorge Amado explora reminiscências de sua infância quando convivia com uma vizinha, moradora de um casarão, nas proximidades do velho trapiche.
- b) Um dos filhos de Fabiano – o “menino mais velho”, assim denominado na narrativa – tem obsessão pela palavra “inferno” e não admite que ela fique apenas no reino da descrição incompleta (a mãe fala vagamente em garfos quentes ou coisa que o valha...).
- c) O livro, publicado em 1932, faz referências a crendices populares, como a do lobisomem, que é citada através de João Cutia, um comprador de ovos da Paraíba. “Não tinha uma gota de sangue na cara e andava sempre de noite, para melhor fazer as suas caminhadas, sem sol.” Achava-se que ele era lobisomem.
- d) Na década de 1930, no sertão nordestino, Lampião e seu bando representavam uma força social que lutava contra o latifúndio e contra a figura do fazendeiro-coronel. No romance de Jorge Amado, os menores abandonados admiravam o grupo de Lampião. No livro o grupo de Lampião chega a ser descrito como “o braço armado dos pobres no sertão”.

08.(Enem)

“A verdade é que não me preocupo muito como outro mundo. Admito Deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça. Tenho, portanto, um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável a um homem. Mas mulher sem religião é horrível. Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. “Palestras amenas e variadas”. Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo”.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 131

Uma das características da prosa de Graciliano Ramos é ser bastante direta e enxuta. No romance São Bernardo, o autor faz a análise psicológica de personagens e expõe desigualdades sociais com base na relação entre patrão e empregado, além da relação conjugal. Nesse sentido, o texto revela

- a) um narrador-personagem que coloca no mesmo plano Deus e o diabo e defende o livre-arbítrio feminino no tocante à religião.
- b) um narrador onisciente que não participa da história, conhecedor profundo do caráter machista de Paulo Honório e da sua ideologia política.
- c) uma narração em terceira pessoa que explora o aspecto objetivo e claro da linguagem para associar o espaço interno do personagem ao espaço externo.
- d) um discurso em primeira pessoa que transmite o caráter ambíguo da religiosidade do personagem e sua convicção acerca da relação que a mulher deve ter com a religião.
- e) um narrador alheio às questões socioculturais e econômicas da sociedade capitalista e que defende a divisão dos bens e o trabalho coletivo como modo de organização social e política.

RESPOSTAS

- 01.** c) justaposição de frases que relacionam semanticamente os acontecimentos narrados.
- 02.** e) imprime marcas da realidade local a suas narrativas, que têm como modelo e origem as fontes da literatura e da cultura européia universalizada.
- 03.** c) o romance do Nordeste caracteriza-se pelo acentuado realismo no uso do vocabulário, pelo temário local, expressando a vida do homem em face da natureza agreste, e assume frequentemente o ponto de vista dos menos favorecidos.
- 04.** b) valoriza esteticamente elementos anteriormente rebaixados.
- 05.** b) Os anseios comunitários de justiça social.
- 06.** a) Regionalista comprometida em retratar a vida de moradores do Nordeste brasileiro.
- 07.** a) No capítulo “Negrinha”, Jorge Amado explora reminiscências de sua infância quando convivia com uma vizinha, moradora de um casarão, nas proximidades do velho trapiche.
- 08.** d) um discurso em primeira pessoa que transmite o caráter ambíguo da religiosidade do personagem e sua convicção acerca da relação que a mulher deve ter com a religião.

PRODUÇÃO DE TEXTO

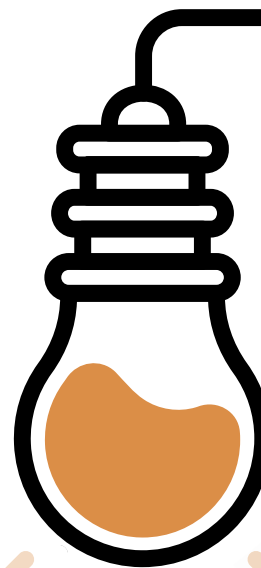
REDAÇÃO

Anota aí!

Escrever exige preparação: leitura e compreensão da proposta, leitura apurado dos textos de apoio, delimitação do tema. Sem compreender esses aspectos você não estará preparado para começar. O bom entendimento facilita a tarefa e estimula a reflexão. Além dos aspectos basilares, é importante relacionar o tema a algum fato atual, gerando a conexão entre a tese e o tema. A Introdução contém a tese (seu posicionamento) expressa em uma ou duas frases, deve-se contextualizar, explicar ou relativizar a tese proposta.

Estratégia argumentativa é um recurso para promover a credibilidade, portanto, não confunda opinião com argumento factual. O desenvolvimento é projetado seguindo uma sequência argumentativa, fundamentada nas informações, dados, exemplos, testemunhos e conhecimento. Há algumas estratégias argumentativas que podem ser seguidas: citar informações noticiadas em temas atuais; utilizar conhecimento sobre literatura, sociologia, história, geografia, filosofia, antropologia, política etc. É possível ainda utilizar técnicas argumentativas como o silogismo, citações curtas, refutar ponto de vista etc.

A conclusão deve acionar um dos agentes sociais (poder público, educação, mídia, etc.), destacando as ações de cada agente ou na parceria de dois ou mais agentes, deve-se apontar os efeitos, detalhando os aspectos resultants das ações, que é a proposta de possíveis soluções ao problema. Exposto na tese.



TEMA:

Os problemas causados pela
romantização do trabalho excessivo

São tempos modernos?

Ka, EcoSport e Fiesta são carros da marca Ford, ou Ford Motor Company, uma empresa ativa até os dias atuais, mas que foi fundada em 1903 por Henry Ford e outros investidores. A companhia popularizou os veículos automotivos por meio de uma produção massiva e de baixo custo, e se você percebe alguma semelhança entre esse modelo de negócio da empresa e o sistema de produção industrial chamado Fordismo, saiba que não se trata de uma coincidência.

O fordismo, ou taylorismo-fordismo*, teve sua importância expandida a partir do momento em que os países capitalistas o adotaram como modelo de produção em 1945, pois a força do trabalho e o incentivo ao consumo foram fundidos de tal maneira que tornaram-se interdependentes. Segundo Serva e Ferreira, "O fordismo vinculava a remuneração dos trabalhadores aos ganhos de produtividade, permitindo assim um ganho real do poder aquisitivo do trabalhador e, consequentemente, uma forma de se estimular o consumo em massa." (2006, s.p.)

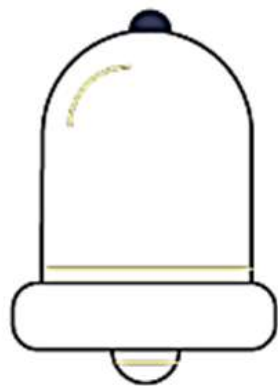
No entanto, na década de 1970, ocorreu uma crise que evidenciou a insustentabilidade desse sistema. Com a facilidade de produzir, os estoques aumentaram, mas o poder de compra da população, mesmo com ganhos por produtividade, não acompanhou a quantidade de produtos disponíveis. Assim, o consumo lento da população trabalhadora em decorrência de seu baixo salário, passou a contrastar com a superprodução fabril.



Por isso, conhecer sobre o esse modelo de economia liberal pode proporcionar reflexões a respeito do mercado de trabalho atual. Assim como o personagem de Chaplin, em Tempos Modernos, filme que ilustra o sistema de produção taylorista-fordista, diversas empresas se organizam com métodos de produtividade repetitivos e automatizados para proporcionar escalabilidade comercial, além de uma busca incessante pela redução de custos.

*O termo taylorismo-fordismo surge em razão do modelo de Henry Ford ter sido inspirado nas ideias de Frederick Taylor, um engenheiro mecânico estadunidense que contribuiu para a aderência do sistema capitalista aos conceitos de produtividade, automatização e controle do tempo de produção.

A romantização do trabalho



Ligado à idealização, o ato de romantizar diz respeito à supervalorização de situações corriqueiras ou até mesmo desagradáveis. Desejar ter doenças mentais, embelezar situações de pobreza ou enaltecer a magreza extrema são exemplos de uma romantização tóxica, comum na vida moderna em sociedade, incluindo o mundo corporativo. Neste último caso, frases como “trabalhe enquanto eles dormem” são cada vez mais comuns e de incentivo para a ideia de que quanto mais uma pessoa trabalha, melhor ela é.

Barth e outros autores, em uma publicação na Revista Científica da Faculdade Santa Maria da Glória (SMG), afirmam que as crenças populares colaboraram para que o trabalho fosse visto como sinônimo de dignidade, o que acabou resultando também na normalização do labor infantil, tornando o combate a ele muito mais lento. Segundo os autores, dentre as questões que levam jovens e crianças a trabalharem, as mais fortes são as socioeconômica e ideológica, ou seja, à classe social a qual o jovem pertence e aos valores ideológicos que ele e seu entorno adotam e acreditam.

A partir desses valores ideológicos, grande parte dos brasileiros acredita que o trabalho está ligado à formação do caráter de um indivíduo, resultando nos seguintes raciocínios:

“‘É melhor trabalhar do que roubar’;
‘É melhor trabalhar do que ficar nas ruas’;
‘É melhor trabalhar do que usar drogas’
‘trabalhar não faz mal a ninguém.’”
(Barth et al., 2022, p. 5, adaptado)

Estudante,



Você consegue lembrar de situações cotidianas parecidas com as que trouxemos nesta página? A crítica à romantização do trabalho excessivo aparece bastante na cultura pop, já vimos Leonardo DiCaprio interpretar um workaholic no filme “O Lobo de Wall Street” e ouvimos os Titãs cantando “A gente não quer só comer, a gente quer prazer [...] A gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade”. Que outras referências te vêm à mente?

Apesar de enraizados, pensamentos como esses colaboram para a romantização do trabalho excessivo e devem ser revistos, pois limitam a ideia de “cidadão bem sucedido” à uma carreira profissional exitosa e ao alto status social.

SAIBA MAIS

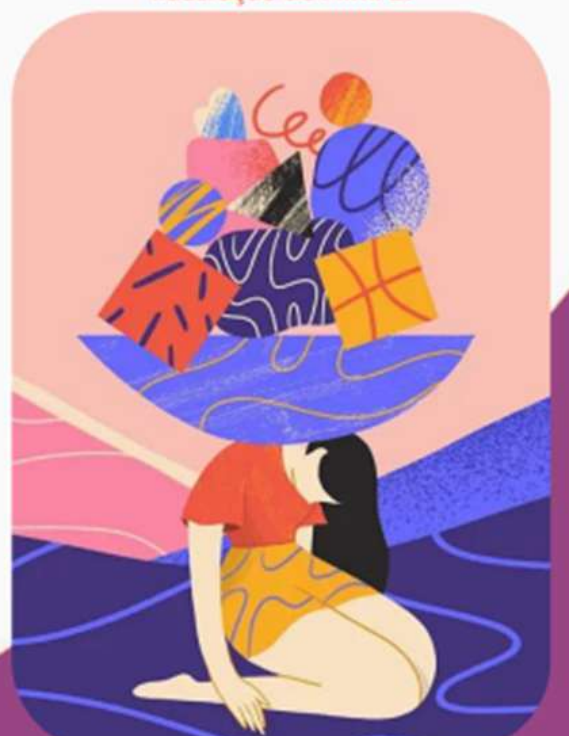
Já ouviu falar na síndrome de burnout?

Também conhecido como síndrome do esgotamento profissional, o burnout passou a compor a classificação internacional de doenças da Organização Mundial da Saúde em 2022. Os sintomas vão desde uma sensação constante de cansaço até um estado de depressão profunda, causados pelo excesso de trabalho e outras condições desgastantes comuns no mundo corporativo, como a competitividade.

Uma vez que as causas dessa síndrome estão atreladas ao ambiente empresarial, existe uma discussão a respeito da responsabilidade das empresas frente a esse desafio: Como elas devem se portar? De que maneira uma empresa pode prevenir que o burnout aconteça com seus funcionários? Nessa perspectiva, iniciativas como a Vittude e a Psicologia Viva surgem para propor que sessões de terapia façam parte dos benefícios oferecidos por uma instituição às pessoas colaboradoras.

Outras estratégias adotadas por grandes empresas, como iFood e 99, são salas de descanso disponíveis no escritório, vale-massagens e descontos em academias. Contudo, essas estratégias se mostram mais promissoras quando fazem parte de uma cultura organizacional que considera estabelecer um limite de carga horária, fornecer um salário compatível com o cargo e incentivar atividades de lazer.

Bagagem emocional
Ilustração de Mimi B.



2.ª ATIVIDADE PARA O ESTUDANTE

Estudo dos textos de apoio à proposta “Os problemas causados pela romantização do trabalho excessivo”

Texto I

Devemos parar de romantizar o estresse e o trabalho em excesso. Diversas vezes vemos filmes com personagens viciados em trabalhar que sempre alcançam o sucesso, também vemos postagens de Instagram ou Facebook com os dizeres: “Estude, enquanto eles dormem. Trabalhe, enquanto eles se divertem. Lute, enquanto eles descansam. Depois viva o que eles sempre sonharam.” Essas postagens dão a entender que é quase pecado ter uma atividade de lazer, ir a praia, ver um filme... Será que é esse o caminho? Adaptado de: LEÃO, Luana. Devemos parar de romantizar o estresse e o trabalho em excesso.

LinkedIn, 2020. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/devemos-parar-de-romantizar-o-estresse-e-trabalho-em-excesso-le%C3%A3o/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 17 jan. 2024.

01. Assinale a alternativa que explica corretamente a função das reticências seguidas da frase “Será que é esse o caminho?” no Texto I:

- a) O uso da frase interrogativa é uma maneira de persuadir o leitor a concordar com a opinião da autora.
- b) As reticências e a frase servem como meio de demonstrar o apoio da autora às ideias de romantização do trabalho.
- c) O uso das reticências seguidas da frase interrogativa indica a intenção da autora de provocar uma reflexão no leitor.
- d) As reticências e a frase interrogativa são desvios de oralidade no texto escrito, mostrando a oposição da autora às ideias anteriormente expostas.
- e) As reticências cumprem o papel de um recurso coesivo entre os exemplos dados pela autora no início do parágrafo e a sua opinião, introduzida pela frase interrogativa.

Texto II

Para atender a uma realidade altamente competitiva de um mercado de trabalho turbulento e descontínuo, as organizações cada vez mais estão atentas às características da natureza humana: anseios, aspirações, desejos, sonhos, ambições, entre outras e, com suas exigências organizacionais, buscam ter um trabalhador mais absorvido e integrado. Uma dedicação integral e uma vida quase exclusivamente voltada para a empresa parecem ser a regra de sobrevivência nas organizações modernas e o caminho único de sucesso na carreira gerencial, incentivando potenciais workaholics. O workaholic (ou “viciado em trabalho”) é caracterizado pela compulsão para trabalhar ou pela dependência de trabalho. Nesses casos, o indivíduo trabalha de forma excessiva ou irracional e, mesmo reconhecendo o excesso, ele não consegue controlar ou reduzir a sua carga de trabalho. Há um padrão “perfeccionista” que apresenta como principais características a forte necessidade de estar no controle, a forma rígida e inflexível de administrar, a busca agressiva de poder para dominar o ambiente e o trabalho, e a preocupação exacerbada com detalhes, regras e relatórios. Adaptado de: SERVA, Maurício.

FERREIRA, Joel Lincoln Oliveira. O fenômeno workaholic na gestão de empresas. Scielo Brasil, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/C6ZdZwPfwkbnsNB7LCTZcYp/?lang=pt#>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Texto adicional

Alcoholic (“Alcoólico” ou “Alcoólatra” em inglês)

Adjetivo 1. Aquilo que é relacionado ao álcool “Cerveja é a bebida alcoólica favorita dele”

2. Afetado pelo alcoolismo “Sua filha alcoólatra era a causa de sua ansiedade”

Substantivo

1. Pessoa afetada pelo alcoolismo

Adaptado e traduzido de: <https://pt.bab.la/dicionario/ingles/alcoholic>. Acesso em: 02 fev. 2024

02. A partir da leitura dos dois textos acima, assinale a alternativa que os relaciona corretamente:

- a) Ambos os textos tratam diferentemente do mesmo fenômeno. O texto adicional é um verbete com a definição do que é criticado pelos autores no Texto II.
- b) A relação entre os textos acontece por conta dos sintomas que afetam um workaholic, sendo os principais deles o perfeccionismo e o vício em bebidas alcoólicas.
- c) O texto adicional ajuda na compreensão do termo “workaholic”, pessoa viciada em trabalho, devido a sua semelhança com “alcoholic”, “alcoólatra” em português.
- d) Os textos se relacionam porque o alcoolismo pode servir de metáfora para explicar o fenômeno workaholic, uma vez que os dois vícios têm causas e consequências parecidas.
- e) O texto adicional evidencia as características do início do texto II, considerando o álcool um impulsionador de “anseios, aspirações, desejos, sonhos, ambições” do trabalhador moderno.

Texto III

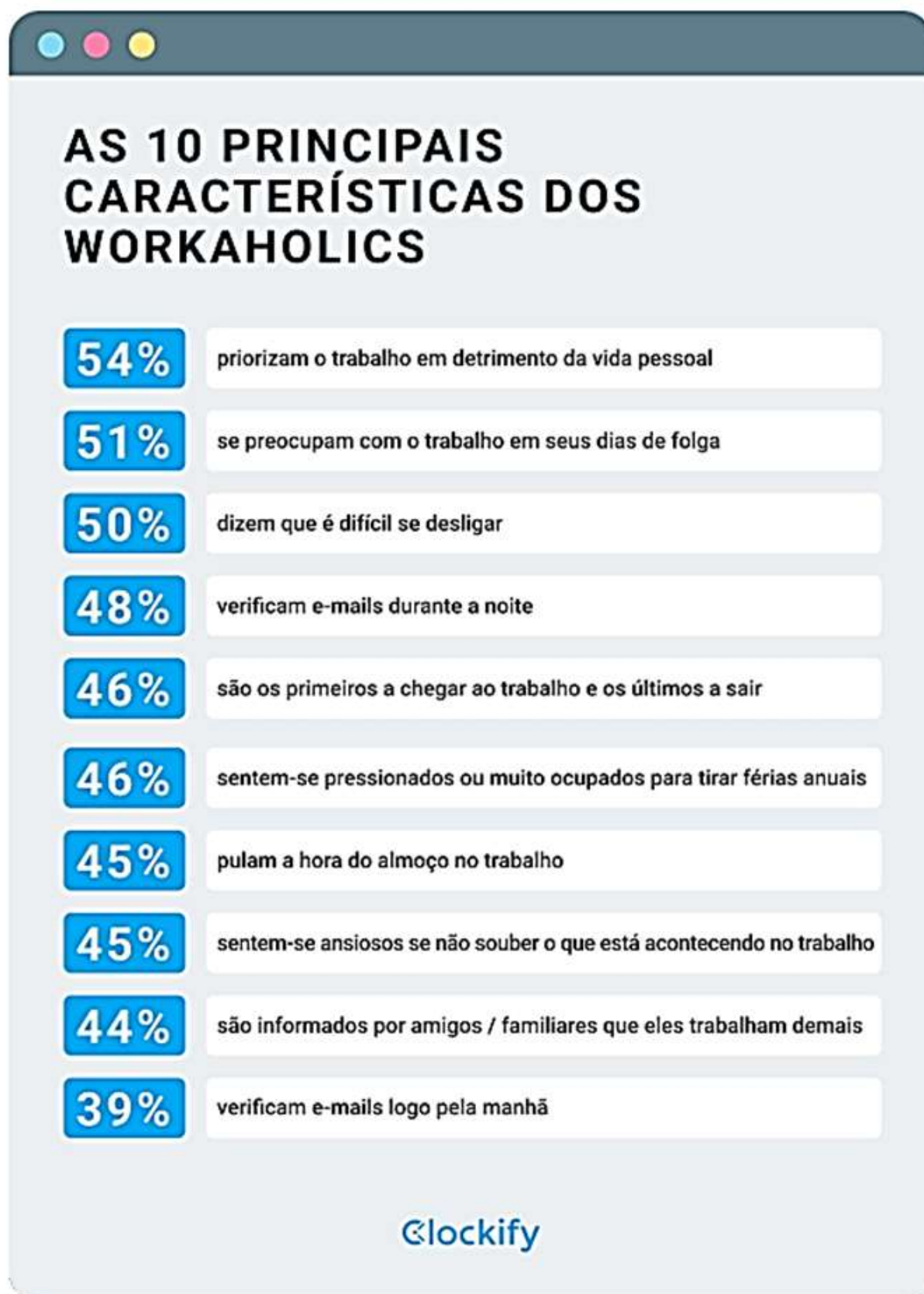
A Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. Esta síndrome é comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes, como médicos, enfermeiros, professores, policiais, jornalistas, dentre outros. A síndrome pode resultar em estado de depressão profunda [...]. A Organização Mundial da Saúde esclarece que o Burnout se refere especificamente a um fenômeno diretamente vinculado às relações de trabalho e não pode ser aplicado em outras áreas ou contextos de vida dos indivíduos. Adaptado de: Instituto Federal de Minas Gerais.

Setembro Amarelo: A romantização do excesso de trabalho. IFMG, 2022. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/portal/progep/desenvolvimento-de-pessoas/qualidade-de-vida-no-trabalho/setembro-amarelo-a-romantizacao-do-excesso-de-trabalho>. Acesso em: 17 jan. 2024.

03. De acordo com o texto III, sobre a Síndrome de Burnout, é correto afirmar que

- a) é um distúrbio emocional exclusivo entre agentes de segurança pública, como policiais, guardas municipais e bombeiros.
- b) trata-se de uma consequência do modo de trabalho moderno, visto que é uma doença que se atém às relações trabalhistas.
- c) é uma doença antiga, que foi reconhecida recentemente pela Organização Mundial da Saúde, após um grande aumento de casos.
- d) ela é identificada a partir de sintomas de depressão profunda e cansaço extremo, levando o indivíduo a isolar-se das relações sociais.
- e) sua causa está diretamente ligada à competitividade incentivada pelos ambientes corporativos que trabalham com bonificações por comissão.

Texto IV



Disponível em: <https://clockify.me/pt/workaholism-facts>. Acesso em: 17 jan. 2024.

4. Leia as afirmações a seguir e, depois, selecione a alternativa que elenca somente as afirmações corretas a respeito do infográfico.

I. É mais provável que um workaholic pule a hora do almoço em vez de verificar seus e-mails à noite.

II. Ser o primeiro a chegar e o último a sair, para um workaholic, é tão comum quanto sentir-se ocupado demais para tirar férias.

III. Os workaholics enfrentam dificuldades para tirar férias, mas seu horário de almoço é sempre respeitado.

IV. Workaholics tendem a verificar seus e-mails mais pela manhã do que à noite.

a) I.

b) II.

c) I e II.

d) I, II e III.

e) II e IV.

RESPOSTAS

- 01.** c) O uso das reticências seguidas da frase interrogativa indica a intenção da autora de provocar uma reflexão no leitor.
- 02.** c) O texto adicional ajuda na compreensão do termo “workaholic”, pessoa viciada em trabalho, devido a sua semelhança com “alcoholic”, “alcoólatra” em português.
- 03.** b) trata-se de uma consequência do modo de trabalho moderno, visto que é uma doença que se atém às relações trabalhistas.
- 04.** b) II.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

D030_P: Reconhecer os elementos que compõem uma narrativa e o conflito gerador

Professor,

As atividades a seguir visam a trabalhar com itens objetivos e discursivos as habilidades referentes aos descritores previstos para esta semana, podendo ou não contemplar os itens abordados no Conteúdo Programático. Elas podem ser trabalhadas de forma expositivo-dialogada ou podem ser atribuídas com atividade extra aos estudantes.

VAMOS RELEMBRAR



ELEMENTOS DO TEXTO NARRATIVO



A narração consiste em **arranjar uma sequência de fatos** na qual os **personagens** se movimentam num determinado **espaço** à medida que o **tempo** passa. O texto narrativo é baseado na ação que envolve personagens, tempo, espaço e conflito. Seus elementos são: **narrador, enredo, personagens, espaço e tempo**. Dessa forma, o texto narrativo apresenta uma determinada estrutura:

- **Apresentação:** Apresenta-se o espaço, tempo e os personagens;
- **Complicação ou desenvolvimento:** Apresenta-se o conflito (problema gerador) em que opõe o protagonista ao antagonista;
- **Clímax:** é o momento de maior emoção do texto, ponto ápice da história; - Desfecho: Após o clímax, apresenta-se como o final feliz ou triste da história.

Personagem – A narrativa é centrada num conflito vivido pelos personagens. Diante disso, a importância dos personagens na construção do texto é evidente.

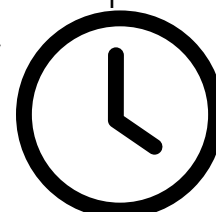


Podemos dizer que existe um **protagonista** (personagem principal) e um **antagonista** (personagem que atua contra o protagonista, impedindo-o de alcançar seus objetivos). Há também os adjuvantes ou coadjuvantes, esses são personagens secundários que também exercem papéis fundamentais na história. Além disso, o protagonista pode ser herói ou anti-herói. O **protagonista herói** é aquele que possui características superiores ao senso comum. O **protagonista anti-herói** é aquele que possui características inferiores ao senso comum.



Espaço - É o local onde acontecem os fatos, onde as personagens se movimentam. Existe o espaço "físico", que é aquele que caracteriza o enredo, e o "psicológico", que retrata a vivência subjetiva dos personagens.

Tempo - Caracteriza o desencadear dos fatos. É constituído pelo **cronológico ou linear**, que, como o próprio nome diz, é ligado a horas, meses, anos, ou seja, marcado pelos ponteiros do relógio e pelo calendário. O outro é o **psicológico ou não linear**, ligado às lembranças, aos sentimentos interiores vividos pelos personagens e intrinsecamente relacionados com a característica pessoal de cada um.



Narrador - É aquele que narra a história, atuando como um mediador entre a história narrada e o leitor/ouvinte. Classificam-se em três modalidades:

- **Narrador-personagem** - Ele conta e participa dos fatos ao mesmo tempo. Neste caso a narrativa é contada em 1ª pessoa.
- **Narrador-observador** - Apenas limita-se em descrever os fatos sem se envolver com os mesmos. Aí predomina o uso da 3ª pessoa.
- **Narrador Onisciente** - Esse sabe tudo sobre o enredo e os personagens, revelando os sentimentos e pensamentos mais íntimos, de uma maneira que vai além da própria imaginação. Muitas vezes sua voz se confunde com a dos personagens, é o que chamamos de Discurso Indireto Livre.

Todos estes elementos correlacionam entre si, formando o que denominamos de enredo, que é o desencadear dos fatos, a essência da história, a qual se constituirá para um desfecho imprevisível que talvez não corresponderá às expectativas do leitor. Este, portanto, poderá ser triste, alegre, cômico ou trágico, dependendo do ponto de vista do narrador.

3.ª ATIVIDADE PARA OS ESTUDANTES

Leia a crônica e responda as atividades 1 a 4.

UMA VELA PARA DARIO

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente. Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço. Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível. Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma: — Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro de escopeta calibre 12, que tenho guardado em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara! Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderia isso por nada neste mundo. Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia. No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse: — Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão. Eu respondi: — Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível.

Luiz Fernando Veríssimo

01. Na narrativa, temos três tipos de narrador: narrador personagem, narrador observador e narrador onisciente. Qual é o tipo de narrador do texto? Justifique.

02. Sabemos que o personagem protagonista é o principal da narrativa. Entretanto, o personagem protagonista pode ser herói ou anti-herói. O protagonista herói é aquele que possui características superiores ao senso comum. O protagonista anti-herói é aquele que possui características inferiores ao senso comum. O protagonista é herói ou anti-herói? Justifique.

03. Retire do texto um exemplo de discurso direto e um exemplo de discurso indireto.

04. O título do texto é “Aprenda a chamar a polícia” e procura ensinar uma maneira de adiantar o atendimento da polícia. Escreva um parágrafo opinando sobre esta forma de chamar a polícia. Justifique.

05. As frases abaixo estão no discurso direto. Reescreva-as no discurso indireto:

a) Pedro disse:
- Maria é fofoqueira!

b) Gustavo perguntou:
- Onde está Alice?

c) Meu pai chegou e afirmou: - Estou cansado da atitude de Ana.

d) Ana disse: - Eu estou com fome.

Leia o texto e responda as atividades de 06 a 09.

UMA VELA PARA DARIO Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo. Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque. Ele reclinase mais um pouco, estendido na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros que se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario rouqueja feio, bolhas de espuma surgem no canto da boca. Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o pode ver. Os moradores da rua conversam de uma porta a outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Mas não se vê guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado. A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede — não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata. Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito peso. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que faça um gesto para espantá-las. Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso. Um terceiro sugere lhe examinem os papéis, retirados — com vários objetos — de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficam sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade. Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes. O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo — os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio — quando vivo — só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabecão. A última boca repete — Ele morreu, ele morreu. E a gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto. Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as mãos no peito. Não consegue fechar olho nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos. Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva. Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.

Dalton Trevisan Fonte: Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/uma-vela-para-dario-conto-de-dalton-trevisan>. Acesso em 29 de julho de 2020.

06. O texto tem por objetivo:

- a) sinalizar que a morte vem de maneira inesperada.
- b) informar como a vida nos grandes centros urbanos é agitada.
- c) apontar que as pessoas desconhecidas podem ser solidárias.
- d) demonstrar a falta de solidariedade por meio de uma crítica social.

07. O texto sugere que a morte de Dario acaba sendo resultado do descaso das pessoas.

Assinale a única opção cuja passagem transcrita revele um exemplo desse descaso.

- a) “O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.”
- b) “A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo.”
- c) “Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagaria a corrida?”
- d) “Um terceiro sugere-lhe examinem os papéis, retirados – com vários objetos”.

08. A partir de uma leitura atenta do texto, é correto afirmar que:

- a) a curiosidade das pessoas que estavam em uma cafeteria impediu-as de continuarem comendo.
- b) o sumiço de vários pertences de Dario sugere que foram roubados apesar da condição em que ele se encontrava.
- c) as crianças revelam indiferença pela cena uma vez que apenas os adultos têm consciência do que se passa.
- d) a referência à ambulância, à polícia e ao rabecão revela a rapidez com que esses serviços foram prestados.

09. O conto “Uma vela para Dario” aborda uma reflexão sobre a solidariedade. Na sua opinião, aponte duas ações que podemos realizar na escola para desenvolver um sentimento solidário.

RESPOSTAS

01. Sugestão de Resposta: A crônica apresenta um narrador que conta a história e participa da narração dos fatos, em primeira pessoa, como em —Eu tenho sono...”, por exemplo. Portanto, classifica-se como narrador personagem.

02. Sugestão de Resposta: De acordo com a leitura do texto, percebemos que o protagonista engana a polícia para que ele seja atendido mais rápido. Como enganar alguém é uma característica negativa, consideramos o protagonista como anti-herói.

03. Resposta pessoal.

Discurso direto:

“—Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro de escopeta calibre 12, que tenho guardado em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!”

“— Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.”

“— Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível.”

Discurso indireto:

“Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.”

“Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa.”

“Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.”

04. Resposta Pessoal - Espera-se que o aluno perceba que o texto faz uma crítica ao serviço público pessoal.

a) “Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.”

b) “Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa.”

c) “Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.”

05. Resposta Pessoal -

Sugestões de resposta:

a) Pedro disse que Maria é fofoqueira.

b) Gustavo perguntou onde Alice estava.

c) Meu pai chegou e afirmou que estava cansado da atitude de Ana.

d) Ana disse que eu estava com fome.

06. d) demonstrar a falta de solidariedade por meio de uma crítica social.

07. c) “Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagaria a corrida?”

08. b) o sumiço de vários pertences de Dario sugere que foram roubados apesar da condição em que ele se encontrava.

09. Resposta pessoal.

REFERÊNCIAS

Caderno de Atividades Referentes aos Descritores de Língua Portuguesa 2023
(Gerência de Ensino Médio).

Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/14syknZ4RAy50z9huyEFIAeCUOKRYHfNL>

Acesso em: 08 de março 2024.

Nivelamento de Língua Portuguesa - Sequência Didática 5 - Língua Portuguesa - 2ª série - PROFESSOR.pdf (Superintendência Regional de Educação de Barra de São Francisco).